

## Inquietações reflexivas sobre questões de gênero na escola infantil

Jéssica Sabrini Froes<sup>1</sup>; Sandra Maria Zeni<sup>1\*</sup>; Henri Luiz Fuchs<sup>1\*</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) -  
*Campus Bento Gonçalves*. Bento Gonçalves, RS, Brasil.

As reflexões e estudos sobre educação e gênero são desafios para a escola que socializa, educa e cuida das crianças a partir da educação infantil. Essas inquietações surgem das situações vividas enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com atuação na EMI Educador Paulo Freire. A matriz de gênero atualmente aceita separa em três categorias as possibilidades sexuais dos indivíduos: identidade de gênero (como a pessoa se mostra para o mundo), desejo (por quem a pessoa se atrai) e a genitália (feminina, masculina ou intersexo) conforme Lins, Machado e Escoura (2016). A escola possui uma capacidade de normalização em termos de gênero. A identidade “normal” de uma criança é construída e conduzida para a forma binária oriunda da cultura hegemônica na sociedade. Na gênese, a escola foi um espaço construído para educar meninos. Historicamente os meninos ingressaram na escola brasileira antes de as meninas acessarem este espaço. A criança desenvolve sua identidade feminina desde o berço através das cores com as quais são vestidas, com os termos usados para se referir a ela, em especial, pelo nome. As famílias possuem perspectivas diferentes para o masculino e feminino. Em algumas culturas, as meninas são educadas para serem mais calmas, falarem mais baixo, não se exporem a atividades desafiadoras. As roupas e brinquedos cujas cores giram na paleta de cor rosa e no mundo do faz de conta encantado de princesa também demarcam fronteiras do ser identitário em construção. Se a criança vive em um lar onde o pai representa o poder por trabalhar fora e a mãe circunscrita às atividades rotineiras da casa, sem valorização ou mesmo que também tenha um trabalho remunerado, a responsabilidade pelas tarefas domésticas é predominantemente da mãe. Essas vivências influenciam e contribuem para a construção das identidades de gênero das crianças. Segundo Louro (1994), a construção da identidade de gênero, além dos determinantes biológicos, também é determinada pelos aspectos sociais, psicológicos e culturais. A escola, enquanto espaço social, é desafiada a desenvolver atividades educativas sobre e a partir do tema gênero, principalmente na educação infantil, pois é nesta fase de desenvolvimento que as experiências vitais são mais marcantes. A educação infantil é profícua para a problematização dos papéis de identidade de gênero que as crianças aprendem em casa. A escola, consciente de seu papel social, precisa mobilizar esforços para debater e repensar o papel da menina e do menino, ajudando-os no movimento de empoderamento e conscientização dos seus direitos e deveres enquanto cidadã e cidadão. A inclusão do tema gênero no currículo escolar pode ser um passo para estimular professores a problematizar, de forma interdisciplinar, em seus planejamentos e aulas, a construção da identidade de meninas e meninos. Essa problematização também deve contemplar a formação das auxiliares da educação infantil, pois estas estão em contato direto com as crianças na maior parte do tempo na escola. Para essas mudanças acontecerem torna-se imperativo o investimento na formação continuada dos profissionais da educação.

**Palavras-chave:** pedagogia; PIBID; gênero; identidade; História.